

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: FILM NOIR - NO CORAÇÃO DO NOIR
17 e 19 de junho de 2021

THE HITCH-HIKER / 1953

(Arrojada Aventura)

um filme de Ida Lupino

Realização: Ida Lupino / **Argumento:** Collier Young e Ida Lupino / **Fotografia:** Nicholas Musuraca / **Montagem:** Douglas Stewart / **Música:** Leith Stevens / **Direcção Artística:** Albert S. D' Agostino, Walter E. Keller / **Intérpretes:** Edmond O' Brien (Ray Collins), Frank Lovejoy (Gilbert Bowen), William Talman (Emmett Myers), Jose Torvay (capitão Alvarado), Jean Del Val (Inspector), Clark Howat (agente do Governo), Natividad Vacio (José), Sam Hayes (radialista) e Wendel Niles (Locutores).

Produção: Collier Young / **Cópia:** DCP, preto e branco, com legendas eletrónicas em português, 71 minutos / **Estreia Mundial:** Janeiro de 1953 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 26 de Agosto de 1954.

Como realizadora, a mulher teve, no começo do cinema, um papel não desdenhável. Desde Alice Guy, a pioneira em França e nos EUA, até Nazimova, passando por Lois Weber, Germaine Dulac e, entre nós, Bárbara Virginia, ela esteve presente como autora, realizadora ou argumentista (recorde o papel fundamental de Jeanie MacPherson nos filmes de Cecil B. DeMille). Foi a progressiva transformação do cinema em indústria, com sistemas de produção específicos e organização estruturada de acordo com as das outras indústrias, com os centros de decisão ocupados por homens, que afastou a mulher da realização, tido como um centro de comando, mantendo-se nas outras categorias mas em situação inferior à dos seus parceiros masculinos, enquanto como atriz era, de certo modo, transformada em objecto. Praticamente durante todo o reinado do *studio system* (que vai do começo dos anos 20 ao fim da década de 40) manteve-se a situação, com raras excepções que confirmavam a regra (Dorothy Arzner, que foi também uma das pioneiras do cinema). Com o fim do domínio dos estúdios as coisas começaram a mudar mas só se tornaram visíveis nas últimas décadas, após as lutas feministas dos anos 60. Ida Lupino foi uma das raras mulheres que ousou enfrentar o sistema exactamente nesse campo, quando a lei anti-trust acabou com o reinado absoluto dos estúdios. E para o conseguir teve de jogar com regras feitas pelo poder ainda dominante, o que parece não ter sido bem compreendido pelas feministas que criticaram os seus filmes.

Quando se resolveu a passar para detrás da câmara, Ida Lupino já tinha atrás de si uma carreira feita como atriz, marcada por uma série de brilhantes interpretações desde **The Light That Failed/A Luz Que Se Apaga**, de William Wellman (1939) até **Road House/Com o Amor Nasceu o Ódio** de Jean Negulesco (1948), e passando por **High Sierra/O Último Refúgio** de Raoul Walsh e **Sea Wolf/O Lobo do Mar** de Michael Curtiz. Mas desde esses tempos era grande o seu interesse pelas outras tarefas da criação do filme, discutindo os argumentos e a direcção e a iluminação das suas cenas. O interesse levá-la-ia inevitavelmente a arriscar-se na mudança de trabalho, começando pela produção (criando, com o então seu marido Collier Young, uma companhia produtora, a "Filmakers"). Mas quis o acaso que o realizador do primeiro filme da companhia, Elmer Clifton, tenha adoecido ainda na pré-produção, acabando Ida Lupino por

realizar todo o filme, mas, apesar disso **Not Wanted** tem apenas o nome de Clifton no genérico nessa categoria (algo semelhante aconteceu em 1951 com **On Dangerous Ground/Cega Paixão**, de Nicholas Ray que embora tenha dirigido grande parte do filme não pôde acabá-lo por ter adoecido, tomando Ida Lupino o seu lugar dada a experiência que já tinha, e porque a RKO, produtora do filme era a distribuidora dos seus).

The Hitch-Hiker é um filme que à partida desconcerta quem tome contacto com a obra da realizadora com este filme, considerando a classificação de "feminista" que lhe é atribuída a partir dos outros trabalhos. E isto desde logo porque não há praticamente mulher alguma no filme (apenas vemos uma ou outra como figurante). Por outro lado é um filme duro e de acção, marcado por um clima de suspense bem vincado e dominador. Na verdade o filme resulta de um certo compromisso com o dono da RKO, Howard Hughes, para apoiar a distribuição dos outros filmes (mais comprometidos) que ela produzia (**Private Hell 36**, de Donald Siegel, foi outra das suas produções) e realizava e a RKO distribuía. Deste compromisso resultou um dos melhores filmes de Ida Lupino e um dos mais reveladores do seu estilo e talento. É indubitável que se pode falar de um estilo. No caso dela, ele não resulta apenas do método de trabalho típico da série B de então, que explorava outros métodos em voga, como os do neo-realismo: orçamento reduzido, filmagens em cenários naturais, quase tudo em exteriores, reduzido número de actores. Até aqui o método é comum a muitos outros filmes. Recordemos **Five** de Arch Oboler, **Detour**, de Ulmer, ou um esquecido **Jeopardy** de John Sturges que tem em comum com **The Hitch-Hiker** o facto de se concentrar quase todo em três personagens. Mas o que surpreende no trabalho de Ida Lupino é a forma desromantizada como se aproxima dos personagens. Há uma secura de tom que não é indiferença mas sim a percepção do comportamento real das personagens em situação real. O que surpreende em **The Hitch-Hiker** é que não há aqui heróis no sentido tradicional do termo e tal como o cinema americano o explorava então. Do que resulta um certo desconcerto do espectador que procura uma espécie de "apoio" que lhe permita circular pela história. O actor principal, Edmond O' Brien, está num papel que vai contra essa imagem tradicional (chegando a agredir o fugitivo Myers quando este se encontra já algemado pela polícia). Lovejoy seria o mais próximo do estereótipo, mas costumava ser utilizado geralmente como secundário. De qualquer forma ambos estão impotentes perante o perigo que os ameaça. Não há hipótese de saírem, pelos seus próprios meios, daquela situação, o que vai contra a imagem tradicional do herói que encontra sempre uma saída, inesperada ou não, para resolver a questão. E é, talvez, neste retrato tão pouco convencional dos personagens que se projecta o olhar mais pessoal de Ida Lupino e aproxima este filme dos restantes, sendo a contradição apenas aparente. Não há heróis, apenas homens convencionais, fracos e indecisos, que não ousam agir no momento e tomar responsabilidades, que é, no fim de contas, o tema de **The Outrage**, **The Bigamist**, **Not Wanted**, **Never Fear** e **Hard Fast and Beautiful**, os outros filmes de Ida Lupino desta fase. E destaque-se o brilhantismo de algumas cenas para as quais a falta de meios se revelou proveitosa: toda a sequência de abertura que nos mostra (ou sugere) as façanhas de Myers, através de uma série de elipses entre planos de pernas em movimento e de carros. É preciso saber bem o que se faz e como se faz, para conseguir tal efeito.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico